

## PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO DE UMA ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO SEMIÁRIDO BAIANO: UMA ANÁLISE DO PERFIL DE MONITORAS-FORMADORAS

*Eugênia da Silva Pereira*

Universidade do Estado da Bahia-UNEB  
eniagbi@hotmail.com

**Resumo:** Esta pesquisa discute sobre o perfil e o processo formativo de educadoras populares no contexto de uma organização não governamental vinculada a rede de movimentos e organizações sociais, Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). O trabalho é fruto de uma pesquisa-ação que teve como base a pesquisa social com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, as estratégias utilizadas foram: observações durante os cursos de formação; questionários e entrevistas semiestruturadas; e oficinas de formação/intervenção, consideradas como o espaço privilegiado da pesquisa-ação. Os resultados apontaram que o perfil das monitoras-formadoras pesquisadas evidencia uma maior participação em organizações sociais e envolvimento com as questões vinculadas ao campo; Todas as participantes consideram a formação como imprescindível no desenvolvimento do seu trabalho na ASA. Todavia, os desafios no que se refere à formação inicial e continuada sinalizam para a necessidade de as organizações priorizarem a formação das educadoras para melhor desenvolvimento de suas ações pedagógicas.

**Palavras-chave:** Formação. Práticas educativas. Semiárido. ASA.

### Introdução

Esta pesquisa discute sobre o perfil e o processo formativo de educadoras populares no contexto de uma organização não governamental vinculada a rede de movimentos e organizações sociais, Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). O objetivo do estudo foi conhecer e analisar o perfil de monitoras-formadoras da ASA que trabalham com capacitação de agricultores e agricultoras na região de Guanambi, Semiárido baiano; identificar limites e possibilidades do trabalho pedagógico desenvolvido a partir do itinerário formativo das monitoras-formadoras<sup>1</sup>; compreender de que forma o vínculo com organizações sociais e com o trabalho no campo contribui para o fortalecimento das formações realizadas pela Organização.

---

<sup>1</sup> O uso desse termo justifica-se pelo fato da ASA denomina-las de monitoras e nós entendermos que são estas pessoas que desenvolvem sozinhas os processos formativos com os agricultores/as. Neste sentido, optamos por chama-las de monitoras-formadoras (no feminino, pois não houve participação de nenhum monitor na pesquisa).

A ASA é uma rede que tem atuado na implementação de tecnologias sociais de convivência com o clima semiárido desde os anos 2000. Estas tecnologias são desenvolvidas por meio de processos formativos e práticas educativas, que apresentam contribuições para a melhoria de vida das famílias agricultoras e buscam desconstruir o imaginário de Semiárido como lugar inviável para se viver e produzir.

Dessa forma, as ações dessa rede são desenvolvidas a partir da compreensão do processo educativo enquanto possibilidade de formação e mobilização social para a convivência com o Semiárido. Para isso, o trabalho baseia-se em uma concepção de educação que valoriza e articula os saberes dos sujeitos do campo. Nesta perspectiva, a ASA trabalha com o conceito de educação contextualizada com a realidade, necessidade e especificidade dos povos do Semiárido Brasileiro.

Diante desses pressupostos, este estudo buscou responder as seguintes questões: Qual o perfil das monitoras/formadoras que atuam em uma organização vinculada a ASA na região de Guanambi, sudoeste da Bahia? O que diferencia esses perfis de outras formadoras? De que forma o perfil influencia no trabalho pedagógico das monitoras-formadoras? Quais os limites e possibilidades do trabalho pedagógico dessas monitoras-formadoras?

Para responder estas questões, apresentamos neste texto o itinerário metodológico da pesquisa; O perfil e a trajetória formativa do se fazer educadora no semiárido baiano; A Importância da formação: o olhar das participantes; Os Limites e as possibilidades do trabalho pedagógico de monitoras/formadoras no Semiárido: alguns apontamentos; E, por fim, as considerações finais.

## **O itinerário metodológico**

Marx e Engels (2007) apontam na *Ideologia Alemã*, que em todas as épocas as ideias da classe dominante são as que predominam. E, no curso da história da humanidade, a produção do conhecimento científico partiu de visões hegemônicas e esteve associada à ação de especialistas ou cientistas. No entanto, os próprios movimentos sociais sinalizam que a produção do conhecimento não se dá apenas na universidade ou em grandes centros, mas se manifesta por meio de diversas formas e por diferentes sujeitos.

Sendo assim, ao pensar uma pesquisa articulada a discussão do projeto de sociedade vinculado a Educação dos povos do Campo, torna-se necessário o delineamento de um percurso metodológico coerente politicamente, que tenha como ponto de partida uma análise crítica de todo o contexto no qual está inserida. Nesse sentido, este estudo é fruto de uma pesquisa-ação com o intuito de contribuir na compreensão dos processos de formação desenvolvidos pela ASA a partir das diversas organizações sociais que a compõem.

A escolha pela pesquisa-ação deu-se por entendê-la como uma opção alternativa de pesquisa que trata “de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído” (THIOLLENT, 1994, p. 8). Essa opção contribuiu para que as monitoras-formadoras pudessem refletir sobre seu saber-fazer a partir da compreensão da sua própria trajetória pessoal e formativa.

Isso evidencia a necessidade de outras pesquisas que partem da perspectiva crítica marxista, compreendendo-a como importante para o estudo da atual sociedade. Para tanto, esclarecemos que não se trata “de se posicionar frente ao conhecimento existente para recusá-lo ou, na melhor das hipóteses, distinguir nele o ‘bom’ do ‘mal’” (NETTO, 2011, p. 18). O método de Marx nos possibilita investigar um problema, uma situação em todos os seus aspectos, não apenas atingindo sua superfície, mas também alcançando sua essência, sem se limitar à aparência dos problemas.

Diante dessa premissa, consideramos que, no contexto das Ciências Sociais, o objeto se caracteriza como histórico, pois todos os seres humanos, os grupos ou as sociedades dão significado a suas ações, de forma que o investigador não é o único a dar sentido ao trabalho intelectual (MINAYO, 2013). Nesse sentido, este trabalho é fruto de uma pesquisa-ação que teve como base a pesquisa social com abordagem qualitativa, desenvolvida por meio do embasamento materialista histórico-dialético. As estratégias utilizadas para analisar o perfil e o percurso formativo das monitoras-formadoras que atuam com cursos de formação na ASA, em uma organização na região de Guanambi, semiárido baiano foram: observações durante os cursos de formação; questionários e entrevistas semiestruturadas; e oficinas de formação/intervenção, consideradas como o espaço privilegiado da pesquisa-ação. Também foram inseridos como

sujeitos da pesquisa, os membros da equipe de assessoria e comunicação da instituição, uma vez que são responsáveis pelos processos formativos desenvolvidos.

Este itinerário ratifica que a pesquisa-ação contribuiu com a transformação da realidade investigada, pois a partir das oficinas de formação/intervenção foi possível trabalhar e/ou aprofundar temáticas que foram apontadas pelas participantes como lacunas nos seus processos formativos dentro e fora da organização.

### **O perfil e a trajetória formativa do se fazer educadora no Semiárido Baiano**

O perfil das monitoras-formadoras pesquisadas evidencia uma maior participação em organizações sociais e envolvimento com as questões vinculadas ao campo. Todas as monitoras-formadoras tem um vínculo com uma entidade que desenvolve ações sociais, desde a associação rural ao movimento social e na equipe de assessoria e comunicação apenas uma integrante não tem vínculo com uma organização social.

A apresentação do perfil de cada uma demonstra também que nenhuma das monitoras-formadoras concluiu o ensino superior e apenas uma delas está cursando uma graduação. Essa realidade é justificada explicitamente nos próprios depoimentos, como falta de oportunidades de continuar os estudos, seja por condições financeiras, seja pela constituição de famílias, ou ainda pela necessidade de cuidar dos filhos sem apoio de um pai. Mas, também confirma a dificuldade em garantir monitores/as-formadores/as com nível superior que tenham condições de prestar serviços esporádicos e se manterem sem vínculo empregatício por muito tempo.

Vale salientar que os editais de seleção da organização não exigem o ensino superior, considerando que o trabalho é esporádico, sem vínculo empregatício, objetiva a promoção da Educação Popular e, muitas vezes, exige mais experiência com esse público. Todavia, a organização demonstra preocupação em estabelecer critérios que oportunize a contratação de pessoas minimamente capacitadas para trabalhar com as formações. Além disso, a seleção do monitor é em formato de curso de capacitação, em que cada candidato vivencia algumas formações junto com um monitor/formador experiente.

Identificamos que as monitoras-formadoras e as integrantes da equipe de assessoria e comunicação, participantes da pesquisa-ação, desenvolvem os processos formativos com agricultores/as a partir daquilo que vivem e/ou viveram no campo. Ou seja, a trajetória de vida de cada uma delas está relacionada com a vivência no ou do campo. Elas são lavradoras, mães, esposas, filhas, militantes, enfim, são mulheres educadoras que lutam e resistem às adversidades da vida no campo e no Semiárido.

Relembrando as palavras de Marx (2011), essas mulheres produzem sua própria existência e se fazem humanas e educadoras a partir das circunstâncias e condições objetivas dadas. Caldart (2004, p. 319), ao tratar sobre esse fazer-se educador afirma que “esse processo de fazer-se humano nas circunstâncias, fazendo-as mais humanas, é educativo, nos dizem pedagogos e pedagogas nele inspirados”.

Ágata<sup>2</sup> é lavradora, participa ativamente da Associação Rural da comunidade onde reside e há 8 anos é membro do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) do município de Iuiu/Bahia. Monitora-formadora há 2 anos, Ágata tem 28 anos de idade, é divorciada e mãe de 2 filhos. Sua formação foi em Magistério e não deu continuidade aos estudos por falta de oportunidade. Segundo Ágata, o motivo pela escolha do trabalho de monitoria na instituição nasceu das experiências sociais: “Eu sempre gostei de participar de reuniões na comunidade, sindicato, e fui convidada para participar do treinamento e fui e gostei”.

Flor do Campo também se declara como lavradora, tem 27 anos de idade, é casada e mãe de 1 filho. Tem formação técnica em Agropecuária integrada ao ensino médio pela Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia (ETFAB) de Riacho de Santana/Bahia. Participa do Movimento de Mulheres Fortes do referido município há cerca de 1 ano e 2 meses.

Monitora-formadora há 2 anos, Flor do Campo explica que a razão que a levou a ser monitora se justifica pelo fato de partilhar conhecimentos e experiências com as famílias agricultoras e ajudá-las a compreender “que é possível termos uma vida digna no Semiárido, e como filha de agricultores e tenho o curso técnico em Agropecuária e participei do curso de formação para monitores onde passei a prestar serviços nesta área” (FLOR DO CAMPO).

---

<sup>2</sup> Todos os nomes são fictícios, denominados pelos próprios sujeitos.

Já Asa-Branca, filha de agricultores, é monitora-formadora há 4 anos. Tem 29 anos de idade, é casada e não tem filhos. Reside no município de Riacho de Santana/Bahia e é técnica em Agropecuária também pela ETFAB do referido município. Atualmente cursa Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Ao se declarar como autônoma ela afirma participar da Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos do Território Velho Chico.

Quando questionada sobre a razão da escolha por ser monitora-formadora, Asa-Branca afirma que a princípio foi a necessidade de um trabalho que não a desvinculasse da família e das suas raízes. “Segundo, por identificar-me com a proposta de trabalho da ASA. Hoje, por ser uma experiência de trabalho que gosto de fazer, pois as atividades desenvolvidas assemelham-se com a minha realidade” (ASA-BRANCA). Observamos que a monitora-formadora desenvolve um trabalho com o qual se identifica e se vincula às suas vivências.

Esse é um aspecto muito importante no contexto da educação popular e que a diferencia da educação escolar. Peloso (2012), ao falar sobre o trabalho de base e a educação popular afirma que a formação acadêmica, a competência profissional ou o modo de inserção nos espaços não garantem por si só um processo formativo que transforme a estrutura social capitalista. Segundo o autor, “o fermento só tem sentido se metido no meio da massa [...] A finalidade é descobrir, organizar e formar gente disposta a um processo de transformação das estruturas da sociedade capitalista” (PELOSO, 2012, p. 38). Dessa forma, é necessário ter instrumentos que possam contribuir na caminhada, dentre os quais, a formação política deve ser prioridade.

Caatingueira também é monitora-formadora há 4 anos. Tem 27 anos de idade, é casada, tem um filho e mora no município de Iuiu-Ba. Ela cursou o ensino médio em Formação Geral e não deu continuidade aos estudos, sobretudo, pela falta de oportunidades. Todavia, tem uma trajetória política de 15 anos de participação nas atividades pastorais/sociais da igreja católica e de 4 anos na Associação de Produtores Rurais da comunidade onde nasceu.

A razão de ser monitora-formadora para Caatingueira surge a partir do seu vínculo por ter nascido e crescido no campo e “ter sentido na pele o sofrimento da seca, da falta de água. Por já ter carregado água na cabeça a longa distância, daí o desejo de poder ajudar essas pessoas que lá residem. Além da oportunidade de complementar minha renda, é claro” (CAATINGUEIRA).

Percebemos de modo recorrente nesse e em outros depoimentos como as condições materiais de existência no campo as fazem tornarem-se educadoras.

Hortênsia, por exemplo, no período de realização do encontro diagnóstico e da aplicação do questionário tinha vínculo contratual como assessora pedagógica da instituição. Porém, no período de realização da formação interventiva o seu contrato já havia encerrado. Mesmo assim, tem prestado alguns serviços de forma voluntária para a entidade e foi convidada a participar da formação. No entanto, por questões de saúde não foi possível Hortênsia estar presente na última etapa da pesquisa, que foi o momento da intervenção.

A função de assessora pedagógica foi exercida pela primeira vez em um projeto na instituição pesquisada por Hortênsia. Por este motivo, ainda que não tenha participado da oficina de formação/intervenção, decidimos descrever o seu perfil, bem como incluir os depoimentos e contribuições dela no decorrer do processo de construção da pesquisa-ação.

Hortênsia tem 25 anos, é casada, licenciada em Pedagogia pela UNEB *Campus XII*, com especialização na área de coordenação. Participa da Pastoral da Juventude há 10 anos no município de Caetité, onde reside. Atuou como assessora pedagógica da instituição pesquisada pelo período de 22 meses.

Bem-te-vi atua como comunicadora popular do CASA há 2 anos, tem 25 anos de idade e é solteira. Tem formação em jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) com especialização na área de Gestão de Pessoas. Afirma que não participa de nenhuma outra organização social além da pesquisada.

Girassol também é comunicadora popular da instituição, mas foi contratada posterior a Bem-te-vi, tendo apenas 1 ano e 2 meses de atuação nessa função. Com 25 anos de idade, solteira, residente no município de Pindaí, também tem formação em Pedagogia pela UNEB *Campus XII* e especialização em Docência do Ensino Superior. Participa há 8 anos da associação de produtores rurais da comunidade onde reside.

Diante dos depoimentos inferimos que tanto as monitoras-formadoras quanto a equipe de assessoria e comunicação constroem seu jeito próprio de educar no contexto dos processos formativos da ASA. Arroyo (2012, p. 37) discute sobre o fazer-se educador, o tornar-se outro sujeito e o construir de outras Pedagogias: “Na diversidade de presença os Outros Sujeitos são eles

e elas tal como feitos e tal como se fazem. As Outras Pedagogias são, de um lado, essas brutais pedagogias de subalternização e, de outro, as pedagogias de libertação de que são sujeitos”.

São essas mulheres, que se apresentam como outros sujeitos e com outras pedagogias, que tem contribuído com os processos formativos da ASA na região de Guanambi/Bahia. Partilhamos da compreensão de Marx e Engels em relação a necessidade de partir da realidade concreta e por isso “parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida”(MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

A organização pesquisada demonstra coerência ao partir da realidade concreta das monitoras-formadoras que atuam com os agricultores e as agricultoras. Todavia, é preciso priorizar os processos de formação inicial e continuada para melhor desenvolvimento dos temas e ações propostos.

### **Importância da formação: o olhar das participantes**

Considerando que um dos objetivos da pesquisa-ação era intervir na realidade para contribuir com sua transformação, questionamos tanto monitoras-formadoras, quanto equipe de assessoria e Comunicação para identificar qual o lugar da formação na trajetória de cada uma delas. Neste sentido, identificamos que todas as participantes apontam a formação como imprescindível no desenvolvimento do seu trabalho na ASA.

Para Ágata, monitora-formadora, o investimento na formação para o desenvolvimento do seu trabalho de monitoria torna-se importante “porque se o monitor tiver bem informado os agricultores terão um bom desenvolvimento na propriedade”.

Ao falar da importância de se investir na formação dos/as educadores/as que atuam na ASA, Flor do Campo afirma que “essa formação é de grande importância, pois com os temas abordados facilita os trabalhos desenvolvidos nas comunidades tantos teóricos, como práticos”.

Na mesma perspectiva, Asa-Branca acredita que o investimento na formação dos/as monitores/as-formadores/as é necessário porque “se não há investimento, não há retorno nem pra mim, nem para as famílias com as quais trabalho”. Ela destaca que para ministrar os cursos de



Gerenciamento de Recursos Hídricos houve uma excelente capacitação, porém, ao ampliar os projetos de acesso à água para produção, não houve formação para que pudessem trabalhar com os demais cursos: “apenas observei um curso prático o qual considero fraco” (ASA-BRANCA).

A ausência de formação inicial para os cursos referentes a implementação das tecnologias sociais de armazenamento da água para produção e a formação continuada para quem ministra os cursos de Gerenciamento de Recursos Hídricos (GRH) são evidenciados em diversos momentos pelas monitoras e pela equipe de assessoria e comunicação.

Caatingueira também ressalta que a capacitação para ministrar os cursos de GRH foi importante: “Foi uma formação de 16 horas, considerada por mim excelente, pois foram abordados muitos temas, como Semiárido e sujeito que ali mora, convivência com o Semiárido, políticas públicas [...]”. Para Caatingueira, a formação é importante por que “quando somos capacitados fazemos o nosso trabalho com mais segurança, temos mais bagagem para passar para as famílias”.

Sobre a formação, Hortênsia, assessora pedagógica, acredita que “assim como qualquer outro profissional, os monitores também precisam de formação, uma vez que todos nós somos ‘seres inacabados’ em busca do conhecimento”. Ela acrescenta ainda: “é necessário que as organizações responsáveis se atentem à formação, para que os monitores estejam aptos a levar trocas de saberes sobre as estratégias de convivência com o seu local de origem” (HORTÊNSIA).

Para Bem-te-vi, que também integra a equipe de assessoria e comunicação, o investimento na formação é “essencial, pois se o monitor não está adequadamente capacitado e seguro das informações que passa para os agricultores, podem prejudicar os processos de formação das famílias”. Notamos que a compreensão apresentada por Bem-te-vi reflete a afirmação da monitora Caatingueira, ao falar da importância da formação para sua atuação como educadora.

Girassol, comunicadora popular, afirma que a formação é importante “uma vez que os monitores (as) precisam compreender o processo ao qual estão inseridos e através dessa formação política é possível desenvolver um bom trabalho”.

Nessa ótica, para Girassol, o processo de formação envolve a dimensão política. Peloso (2012, p. 39, grifos do autor) afirma a importância e necessidade da formação política no trabalho de base e pontua que “ter formação é saber *desmontar* o sistema capitalista e elaborar políticas

para resolver os problemas do povo, imediatas e em longo prazo”. Essa deve ser uma das contribuições dos processos formativos da ASA, possibilitar a consciência política do povo de modo a elaborar suas próprias políticas públicas adequadas ao clima semiárido, uma vez que consta na sua carta de princípios.

## **LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRABALHO PEDAGÓGICO DE MONITORAS/FORMADORAS NO SEMIÁRIDO: ALGUNS APONTAMENTOS**

A pesquisa evidenciou que as possibilidades de desenvolvimento de um trabalho pedagógico e popular na atuação das monitoras-formadoras da ASA na região de Guanambi ocorrem pela vinculação da trajetória formativa e pessoal de cada uma das educadoras. Isso pode ser observado quando elas afirmam que o tornarem-se educadoras populares parte da motivação de terem algum vínculo com o trabalho e a vivência no campo. Por outro lado, as lacunas no processo de formação inicial e continuada oferecido pela instituição, muitas vezes, prejudica o melhor desempenho de suas ações.

Percebemos que o trabalho com a monitoria dos cursos, ainda que seja uma atividade realizada com satisfação, pela afinidade com as questões sociais e pelo vínculo com o campo, revela-se como fonte complementar de renda para muitas monitoras-formadoras. Todavia, entendemos que por ser uma atividade esporádica, sem vínculo empregatício, prejudica o desenvolvimento da proposta de mobilização da ASA, uma vez que muitas pessoas que são capacitadas para atuarem, às vezes, desistem da atividade por não proporcionar estabilidade financeira.

No ano de 2010, por exemplo, quando houve uma formação, avaliada como momento muito rico pelas monitoras-formadoras, foram capacitadas 30 pessoas entre homens e mulheres. Entretanto, destas, apenas 2 ainda prestam serviço de monitoria para a instituição pelo fato de algumas terem ingressado em outras atividades; outras foram estudar fora do estado da Bahia; e os demais se tornaram auxiliares administrativos ou animadores de campo da própria instituição.

Nesse contexto, observamos que esse é um desafio posto às entidades vinculadas à ASA. A instabilidade financeira e econômica vivenciadas pelos/as monitores/as-formadores/as impedem,

em alguns casos, a continuidade de um trabalho de mobilização e articulação política desenvolvido nos processos formativos da rede.

Problema semelhante ocorre com a equipe de assessoria e comunicação da organização pesquisada. Apesar de se diferenciarem dos/as monitores/as-formadores/as por terem vínculo empregatício com a instituição e salário mensal garantido, as integrantes dessa equipe assinam contratos com tempo determinado, conforme o plano de trabalho de cada projeto com o qual se vincula. Neste sentido, ocorrem as mesmas dificuldades e riscos do trabalho de monitoria, pois, não há garantia de manutenção da mesma equipe de funcionários/as em projetos consecutivos.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa buscou conhecer e analisar o perfil de monitoras-formadoras da ASA que atuam como educadoras populares de agricultores e agricultoras na região de Guanambi, no Semiárido baiano. A partir desse estudo, procurou-se identificar os desafios e as possibilidades das ações desenvolvidas pelas monitoras-formadoras.

Os resultados sinalizam que o perfil das monitoras-formadoras pesquisadas demonstra um envolvimento com as questões sociais, bem como o vínculo com a trajetória campesina. Isso fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para um trabalho mais comprometido com as especificidades dos povos do campo, especialmente os agricultores e as agricultoras da região de Guanambi. Identificamos que todas as participantes afirmam ter a compreensão sobre a importância da formação inicial e continuada para o bom desenvolvimento do seu trabalho na ASA.

Os dados revelaram ainda que há a necessidade de a instituição pesquisada pensar outras estratégias em relação à questão formativa e às condições materiais para realizar a formação inicial e continuada, que não são contempladas nos planos de trabalho propostos pela ASA. Essas ações poderão influenciar na formação e na mobilização dos/as agricultores/as e na possibilidade de os processos formativos atingirem melhores resultados.

Outra observação é que, ainda que os editais de seleção da entidade não exijam formação de nível superior, observamos que toda a equipe de assessoria e comunicação possui especialização e outros cursos de formação continuada. É importante ressaltar também que a

inserção de duas pedagogas na equipe contribui para pensar os processos formativos e as práticas educativas. Além disso, a assessoria possibilita minimizar a lacuna de formação continuada dos/as monitores/as-formadores/as que trabalham diretamente com esses processos.

Outros desafios apontados referem-se a demandas específicas do trabalho da equipe de assessoria pedagógica e de comunicação da instituição pesquisada, mas influenciam os processos formativos, como a falta de recursos para realizar formação com os/as monitores/as e desenvolver outros trabalhos de mobilização com os agricultores e as agricultoras.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PELOSO, Ranulfo (org). **Trabalho de Base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.